

Caminhos Percorridos e Outros... A descobrir e a percorrer

Ernesta ZAMBONI¹

O presente é o momento instantâneo, nesta armadilha temporal temos dois tempos o passado o que passou e o futuro aquilo que virá. Cabe-nos, como historiadores usar a nossa inventividade para ler respostas indiretas naquilo que ficou para trás, isto é, no passado. O passado presente e o futuro constituem um continuum .

Hobsbawn, 1998, p.50

RESUMO

Apresentamos neste artigo algumas considerações sobre a história do ensino de história tendo como foco de análise os Encontros Pesquisadores do Ensino de História e Perspectivas do Ensino de história. Percebemos nesta tarefa que entre os temas e objetivos dos eventos estavam construir referenciais que pudessem nortear o nosso objeto epistemológico. Abordamos também a discussão e os debates sobre a criação da Sociedade Brasileira de Ensino de História.

Palavras-chaves: pesquisadores do ensino de história, história do ensino de história, sociedade brasileira do ensino de história.

Atualmente, professores, pesquisadores, escritores de textos didáticos e acadêmicos e demais profissionais que se dedicam ao ensino da história conhecem as tendências teórico- metodológicas que tem orientado os parâmetros curriculares para o ensino deste campo de conhecimento; sabem da importância dos museus e demais instituições culturais para a educação e para a formação da juventude, a sua significação como um espaço dinâmico da memória, das descobertas, do lazer. O conhecimento histórico tem alicerçado exposições culturais, produções cinematográficas e, sobretudo, apontado diretrizes para compreendermos as transformações que acontecem nos espaços urbanos e a ação destas mudanças nas vidas das pessoas em suas relações sociais e de produção.

¹Faculdade de Educação- Unicamp.

As concepções de História e do Ensino de História foram se transformando com o tempo em decorrência dos debates científicos, das reflexões feitas por grupos de intelectuais de diferentes tendências teóricas, de situações problemas, muitas delas, relacionadas às lutas políticas. Cada texto produzido, nestas situações, tem a marca das inquietações do seu autor, das tendências historiográficas, do seu presente construído com as imagens e os traços do passado. Toda obra produzida sobre o ensino de história traz consigo as inquietações presentes na educação e na história e os diálogos construídos entre estes dois campos de conhecimento. Esta produção, semelhante à historiográfica, é resultante da formação do professor, das suas intenções, do seu posicionamento filosófico diante da educação e da sua vivência no sentido mais amplo da palavra. Estas produções podem ou não ser individuais, mas sempre expressam o pensamento de uma coletividade, de um grupo.

Com a preocupação de manter vivo o diálogo entre a Educação e a História, grupos de professores de diferentes partes do Brasil começaram a se reunir para pensar o Ensino de História desde a Escola Básica até a Universidade, na educação formal e informal. O primeiro movimento para reunir professores de história de todos os níveis de ensino aconteceu em 1988, na Faculdade de Educação da Universidade de São de Paulo, sob a coordenação da Professora Elza Nadai. Este evento foi denominado: I Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História. Em 1996, aconteceu o segundo Encontro, também na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob a coordenação da Professora Circe Bittencourt.

Foi, em 1999, na Universidade Federal do Paraná que se realizou o terceiro Encontro Perspectivas do Ensino de História. Coordenaram este evento as Professoras Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainele. O significado deste Evento está explicitado, com muita precisão, pelas autoras, na apresentação dos Anais :

Para todos nós, professores de profissão e professores de História, o Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História tem um significado imensurável de ser o espaço fundamental para o debate integrador dos três níveis de ensino: O ensino fundamental, o ensino médio e a Universidade. Trata-se de um espaço de troca, de reciprocidade, de trabalho coletivo. Trata-se, principalmente, de um momento de solidariedade entre aqueles que realizam um trabalho compromissado e real com a educação. (Schmidt e Cainelli, Curitiba, 1999, p.XIII).

Retomando as palavras de Schmidt e Cainelli, este evento, como os demais que ocorreram posteriormente, é importante porque representa o testemunho de muitas e diferentes vozes que se articulam, em suas práticas cotidianas, individuais e coletivas na construção de um ensino de História para o Brasil.

Em 1999, o grupo de pesquisadores e professores de história já estava articulado de fato, embora não existisse oficialmente. E, nesta ocasião, um grupo de professores sugere a criação de uma Sociedade Brasileira de Ensino de História. Esta idéia circulou entre os bastidores do evento e, na Assembléia Geral, foi apresentada. Como era de se esperar, a sugestão provocou muitos debates, muitos eram os argumentos favoráveis e, muitos outros, desfavoráveis. Os debates foram acalorados. Nesta ocasião, foi sugerido que se deixasse esta discussão para o próximo evento. A idéia foi retomada no quarto Evento que aconteceu em Ouro Preto, em 2001, sob a coordenação do Professor Luis Carlos Villalta. Nesta ocasião, os debates foram mais instigantes e foram explicitados os argumentos contrários à criação de uma Sociedade Brasileira de Ensino de História. O principal deles era o de ser redundante à ANPUH (Associação Nacional de Professores de História) que tem entre os seus objetivos a valorização da educação.

Em 2005 o quinto Encontro aconteceu na Universidade Estadual do Rio de Janeiro sob a coordenação da Professora Ana Maria Monteiro.

Em 2007, foi organizado o sexto Encontro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte coordenado pela Professora Margarida Maria Dias de Oliveira, cujo tema foi “Múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços”.

O sétimo Encontro Perspectivas no Ensino de História ocorreu em 2009, na Universidade Federal de Uberlândia, o tema que norteou o evento foi “Ensino de História, Cidadania e Consciência Histórica”, teve como coordenação a Professora Selva Guimarães Fonseca.

Os objetivos norteadores dos Encontros Perspectivas no Ensino de História tem sido:

1. Contribuir para a articulação e a troca de experiências entre os profissionais que atuam na área do ensino e da pesquisa em História nos diversos níveis e modalidades da educação;
2. Promover o debate e a reflexão sobre diferentes temas, problemas e fontes do ensino de História;
3. Socializar e debater experiências didáticas, saberes e práticas edu-

cativas, projetos e resultados de pesquisas no campo do ensino de História desenvolvidos em diversos espaços de produção e difusão dos saberes históricos;

4. Fortalecer e consolidar espaços, grupos, núcleos e experiências na área do ensino e da pesquisa em História.
5. Contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica e superior, da formação inicial e continuada de professores na área do ensino e aprendizagem em História. (www.viiperspectivas.ufu.br)

Se, em 1988, foi criado o Encontro Nacional Perspectivas de Ensino de História, no início dos anos 90, foi identificada a necessidade de refletir sobre o campo epistemológico do ensino de história, já que havia muitos professores doutores que trabalhavam nas Faculdades de Educação e de História, na pós-graduação, nos cursos de licenciatura e se preocupavam com a formação dos professores de história. Os profissionais que trabalhavam nesta área atuavam em diferentes universidades e então tornou-se necessário criar uma situação para que pudessem se encontrar, se conhecer e trocar idéias e “figurinhas”. Este vazio foi preenchido quando, em 1993, a Professora Selva Fonseca Guimarães organizou um evento na Universidade Federal de Uberlândia. Convidou professores de algumas universidades para refletirem sobre o Ensino de História. Este seminário fica conhecido como Encontro de Pesquisadores no Ensino de História – ENPEH.

A partir de 1993, os Encontros de Pesquisadores e de 1996, os Encontros Perspectivas de Ensino de História passam a acontecer a cada dois anos. Nos anos pares, é realizado o Encontro dos Pesquisadores e nos anos ímpares o de Perspectivas do Ensino de História.

Tais Encontros tem, para mim, o significado de um ritual; neles encontramos nossos pares da academia, afinamos os nossos objetivos, cumprimos um conjunto de ritos, expomos os nossos pensamentos, ouvimos pesquisadores/professores mais experientes e os mais novos, trocamos idéias, partilhamos nossas reflexões. Estes rituais acontecem, formalmente, em diferentes espaços e momentos, nas conferências, nas mesas redondas, nos grupos de trabalho, nos lançamentos dos livros e, informalmente, nos momentos de lazer, durante as refeições, nos cafés...

Os nossos encontros tem como mérito destacar um sistema específico e

organizado de práticas, significados e valores que, como afirma Williams (2008, p. 208), configuram um sistema que se opõe aos hábitos de estudos isolados, historicamente desenvolvidos no interior de uma ordem social capitalista.

Estes momentos representam um espaço fronteiro entre dois domínios: o passado e o futuro, o limite, a raia é o presente em construção. O passado construído por professores de diferentes universidades do país, ontem jovens professores em busca de espaço e identificação e, atualmente, professores/ pesquisadores consolidados, formadores de novos profissionais organizados em grupos de pesquisa formalmente credenciados nas agências públicas. Um passado construído que teve como força propulsora, segundo Fonseca, in Miglio (2008, 178): Na verdade, a nossa idéia era reunir pessoas que estavam pesquisando ensino de História (...) não havia um espaço de encontros, de diálogos dos pesquisadores que tinham como objeto de pesquisa o ensino de História.

Estas palavras simbolizaram, no interior de outros grupos acadêmicos, a necessidade de buscar, entre os pesquisadores e professores, formas de identificação e de associação. No entanto, para se pensar em associações é necessária a reflexão sobre quem somos, quais são os nossos traços identitários, as nossas formas de identificação.

Em nossos encontros periódicos, temos a preocupação de construir as nossas identidades, não nos esquecendo, como afirma Ortega (2005):

que nas sociedades contemporâneas a intermediação social não ocorre tão somente a partir de articulações individuais, mas, também por meio de entidades representativas, por meio de ações coletivas, sem deixar, por outro lado de reconhecer a fragmentação dos interesses. Assim, emergem, cada vez mais, organizações representativas de caráter especializado, sem que se renuncie a organizações mais amplas. Portanto, o que temos é um processo de multifiliação em que os indivíduos e os grupos canalizam as suas reivindicações por meio de organizações ora uma, ora outras, dependendo do problema em questão.

Em nosso caso específico, a criação da Sociedade Brasileira de Ensino de História não significa a exclusão da participação dos historiadores na ANPUH ou mesmo em organizações mais gerais de professores, como a ANPED. Revisando as memórias coletivas e as narrativas históricas dos nossos seminários me pergunto: Como estamos construindo as nossas identidades culturais?

Em nossos encontros de Pesquisadores e nos Seminários “Perspectivas de Ensino de História”, temos construído narrativas identitárias, isto é, narrativas históricas assentadas na história deste grupo sócio-cultural, na história dos campos de conhecimento (História e Educação) e nas memórias coletivas com a intenção de compreender a dinâmica do tempo presente e projetar o futuro. No plano social, as práticas são e foram experienciadas coletivamente e modelam as identidades deste grupo e, ao estabelecer suas raízes com as histórias das associações, dos campos dos conhecimentos curriculares, os sujeitos se sentem e se identificam como um grupo que marca sua diferença em relação a outros grupos, tornando necessário que o nosso grupo fosse reconhecido como uma associação científica.

Ao estudar as Memórias e Identidades em relação ao Ensino e Formação de Professores de História, Miglio (2008) recuperou, historicamente, as temáticas e os objetivos dos ENPEHs, por meio de documentos e da história oral. Segundo a pesquisadora, o primeiro ENPEH realizado em 1993, em Uberlândia, constituiu um espaço específico das discussões em torno da pesquisa em ensino. O tema do evento foi “O ensino de História como objeto de pesquisa”. O objetivo de tal temática era a busca do estatuto científico para o campo da pesquisa em ensino de história. (p. 180)”.

Em 1995, ocorreu no Rio de Janeiro o segundo ENPEH (Encontro de Professores Pesquisadores na área do Ensino de História) organizado pela Faculdade de Educação e Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Neste evento, foi discutida a mesma temática do primeiro Encontro com a finalidade de

“propiciar a troca de experiências entre os profissionais da área, a fim de refletir sobre a importância dos diferentes temas, problemas e métodos de pesquisa para a renovação do ensino de História no Brasil; e oferecer condições para a constituição de um espaço em que os profissionais articulados possam garantir, em diferentes níveis e esferas, o constante intercâmbio e interlocução de pesquisa na área. (1995 p.9 apud Miglio p. 183)”.

O terceiro Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História ocorreu na Faculdade de Educação da Unicamp, em 1997. O objetivo foi “definir, ampliar

e aprofundar à problemática referente a temas, a procedimentos metodológicos, a fontes de pesquisa pertinentes ao ensino de história”. (1999, p.7, *apud* Miglio p.185). Neste encontro foi organizado um Catálogo dos Pesquisadores sobre o Ensino de História, com o levantamento de pesquisas e pesquisadores do Brasil, com o objetivo de conhecer “parceiros e caminhos tomados pelo ensino de história” (idem p.186). Também, neste evento, pela primeira vez foram organizados grupos de trabalho segundo as linhas de pesquisa e interesse dos pesquisadores da área: formação de professores, produção de conhecimento histórico, currículo, identidades culturais e memórias locais, história da América, história do ensino de história, linguagens alternativas do ensino de história e livro didático (idem p. 186).

O quarto Encontro ocorreu em 1999, em Ijuí, RS, na UNIJUI. Segundo os organizadores do evento, a reunião científica “fortalece o espaço de interlocução entre os pesquisadores nesta área que se revela cada vez mais importante, neste momento, da história da humanidade, rica em transformações econômicas, sociais, políticas e culturais”. (2000 p. 11, idem p.187).

O quinto Encontro foi realizado em João Pessoa, UFPB, em 2001. Segundo as organizadoras do evento, houve “o aprofundamento dos debates e a troca das mais diversas e ricas experiências envolvendo a práxis e o pensar teórico, oriundos de profissionais que tem no ensino de história o fundamento do seu ofício”. (Revista Saeculum, 2002, p.7 *apud* Miglio p. 188).

O sexto Encontro em Londrina, na Universidade Estadual de Londrina, em 2003, teve como objetivo comemorar e fazer um balanço dos significados do trabalho desenvolvido ao longo dos 10 anos de reflexões e troca de experiências. (Idem 193). O tema foi: 10 anos: Um balanço.

O sétimo Encontro foi realizado em 2006, na FE/ UFMG, em Belo Horizonte, com a temática “ENPEH: Novos problemas e Novas abordagens”. O Evento ressaltou a especificidade do campo e a ampliação de fronteiras teórico-metodológicas, que tem caracterizado a trajetória histórica da produção dos pesquisadores do E.H.” (idem 197). Dentre os seus objetivos, destaca-se a necessidade de “ampliar e consolidar relações entre pesquisadores brasileiros e pesquisadores estrangeiros”. (idem p.197.)

O oitavo Encontro realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 2008, em São Paulo, cujo tema foi Metodologias e Novas abordagens, destacou entre os seus objetivos dar continuidade aos encontros anteriores, contribuir para a troca de idéias e de experiência de pesquisa, no sentido de

clarificar a metodologia utilizada na produção do conhecimento dos diferentes temas que compõem a área de ensino de História.

Ao analisar os temas e objetivos dos eventos, notamos a preocupação dos seus organizadores em encontrar referenciais para a construção de concepções que possam nortear o nosso objeto epistemológico. Nos seminários de 1993 e 1995, esta preocupação fica bem evidente e, em 1997, as preocupações com as linhas de pesquisa e o mapeamento dos temas, problemas e métodos são ressaltadas. Em 2003, o Evento foi centrado em fazer um balanço da nossa produção e dos caminhos que estamos percorrendo. Já, no encontro de 2005, os seus organizadores focalizaram a necessidade de ampliar os nossos horizontes nacionais, criando um espaço para o intercâmbio com pesquisadores internacionais. No oitavo Encontro é consolidada esta tendência de diálogo com os pesquisadores estrangeiros e também é retomada a proposta dos três primeiros Encontros que é a reflexão sobre os nossos referenciais teórico-metodológicos.

Há que ressaltar que em 2003, uma das preocupações da equipe foi a de cadastrar este evento no CNPq, a mais importante agência pública fomentadora, avaliadora e indutora de pesquisas no país. Assim sendo, fomos criando, como grupo, um espaço para a criação de Sociedade Brasileira de Ensino de História.

Retomando o nosso ponto inicial, a discussão e os debates sobre a criação da Sociedade Brasileira de Ensino de História sempre estiveram presentes em nossos eventos. E, em cada encontro, esta idéia era discutida, questionada. Observávamos que cada vez tínhamos mais argumentos e aceitação para criação da referida sociedade. Para o Encontro de 2006, realizado em Belo Horizonte, a Professora Kátia Abud e eu “esboçamos” um estatuto que poderia constituir a base para a organização da nossa sociedade e o apresentamos na Assembléia Geral, onde cada pessoa presente recebeu uma cópia. Várias foram as sugestões de mudanças. Nesta assembléia, coordenaram a mesa as professoras Katia Abud, de São Paulo, Ana Maria Monteiro do Rio de Janeiro e eu, de Campinas. Ficamos responsáveis para rever os estatutos seguindo as sugestões da Assembléia Geral.

No ano seguinte, no Encontro Nacional Perspectiva do Ensino de História realizado em Natal, nós reapresentamos os estatutos com as modificações sugeridas, no ano anterior em Belo Horizonte. Novas leituras foram feitas e mais sugestões foram apresentadas, como consta nas atas da Assembléia. As três professoras, acima mencionadas, foram escolhidas como a Diretoria provisória da Sociedade que estava nascendo.

Em 2008, no Encontro Pesquisadores do Ensino de História, na USP- São Paulo, distribuímos uma cópia dos estatutos para todos os participantes. Novamente, na Assembléia Geral, voltamos a discutir os estatutos e pequenos ajustes foram feitos. Nesta mesma Assembléia foi aprovada a primeira diretoria que compõe a Sociedade Brasileira de Ensino de História, como consta na ata da fundação:

Ernesta Zamboni – Presidente

Maria de Fatima Sabino Dias – Vice- Presidente

Sonia Regina Miranda – 1ª. Secretária

Ricardo Oriá - 2º. Secretário

Marlene Cainelli 1º. Tesoureiro

Arlete M. Gasparello 2º. Tesoureiro

Além da Diretoria há um grupo de conselheiros formado por 10 pessoas de diferentes lugares.,

Nesta Assembléia, os estatutos, a primeira Diretoria assim como o grupo de conselheiros foram aprovados unanimemente por aclamação. Depois destes procedimentos, vivemos um novo processo para o registro de toda a documentação da Sociedade Brasileira de Ensino de História.

Para os estatutos serem aprovados houve a necessidade de haver uma adequação de linguagem. O advogado Dr. Rodrigo de Almeida preparou os estatutos e os encaminhou para o Cartório que os aprovou e, em seguida os enviou para o Ministério da Fazenda para obtermos o CNPJ. Os estatutos foram registrados na cidade de Campinas e a sede da Sociedade está localizada no Grupo Memória da Faculdade de Educação, situada na UNICAMP. Toda a documentação ficou pronta no final do ano de 2009.

A partir das narrativas construídas em cada um destes encontros, por diferentes grupos e com os dados da nossa memória coletiva, fomos tecendo a representação das nossas identidades, no sentido de uma determinada continuidade temporal, não pressupondo linearidade, mas, uma elipse que objetiva orientar as nossas ações no tempo. A leitura que faço da memória coletiva neste momento, na elaboração desta narrativa histórica, atribuo à memória um constitutivo da nossa identidade. Como afirma Lucini (2007):

A busca de uma memória coletiva na convocação do passado por meio da reme-

moração e da celebração, reafirma a necessidade de enraizamento como elemento constituinte dos processos de identificação. Contudo, convém que atentemos que não é de qualquer passado que se trata, mas de um passado que contenha elementos com os quais o grupo se identifica presentes nos processos. (...) No processo em que o passado é convocado para sedimentar uma memória por meio de narrativas históricas que permitem a esse grupo re-ligar-se, estar-junto e assim pertencer, a prática da celebração revela-se fundante nos processos de identificação.

É, portanto, o trabalho da memória coletiva que me permitiu olhar o interior do nosso grupo como algo familiar. Não podemos deixar de mencionar que, ao elaborar esta narrativa, expressei uma determinada subjetividade, uma experiência vivida a partir de um lugar social, cultural e político, logo corro o risco de ter me apropriado da memória coletiva como a minha memória. Com isso, lembramos Paul Ricoeur (1994), nunca chegamos ao final de uma história da mesma forma como a iniciamos. Este é o diálogo que o presente faz com o passado e traça as perspectivas de futuro. Este procedimento implica pensar no futuro um diálogo estreito com diferentes campos do conhecimento: história, educação, antropologia, cultura, sociologia, geografia, filosofia, psicologia, literatura e demais artes, pois o nosso campo de conhecimento é por natureza híbrido.

Com o intuito de reforçar a questão do Método, tomo a liberdade de me reportar às palavras de Wisnik sobre o jogo de futebol entre Brasil e Rússia na Copa do Mundo de 1958, há cinquenta anos. Reporto-me aos craques da época com suas particularidades:

“O Garrincha dribla uma vez, dribla pelo mesmo lado, depois volta para driblar de novo; Didi dá uma folha-seca; Pelé dá um passe em curva. Isso tudo é o que chamo de princípio de elipse. O que o futebol brasileiro inventa é elipse. Elipse é a não linearidade. Quando o jogador finge que vai e não vai, isso é um procedimento poético, uma espécie de paradoxo. É uma linguagem criada por uma experiência coletiva que se traduz em algo que é, ao mesmo tempo, gratuito e eficaz”.

A eficácia se expressa nos gols e na vitória. Lanço mão das palavras de Wisnik como uma metáfora para expressar o que representa um procedimento metodológico, o trabalho em grupo. Ele nos chama a atenção sobre o procedimento poético, o paradoxo, a criatividade, a não linearidade e a experiência coletiva.

Transpondo esta metáfora para o nosso cotidiano, para as nossas pesquisas, para os nossos procedimentos metodológicos não existe a priori um caminho a ser percorrido, o real o define. Como a poesia de Antonio Machado, poeta espanhol do século XIX : “no hay caminos, estes o hacen ao caminar. O pesquisador/ professor, ao definir os horizontes e as fronteiras teóricas de sua investigação, do trabalho, desenha um quadro de informações e deve fazê-lo com requintes, com minúcias teóricas, com criatividade como se fora uma elipse e os espaços vazios vão sendo preenchidos por reflexões e fios que se relacionam, assim sendo, vai se esboçando o tema estudado.

Para finalizar estas reflexões, me aproximei das memórias do- Encontro Nacional dos Pesquisadores no Ensino de História e do Perspectivas do Ensino de História que me são tão familiares e me aproprio de um sentimento identitário geracional com a intenção de transmitir a outras gerações os elos de solidariedade existentes entre gerações e a importância dos trabalhos em grupo, das trocas, da produção coletiva do conhecimento. Este envolvimento pressupõe identificações políticas e culturais, os seus elos são a História e a Educação. Neste ritual estão presentes as memórias dos que nos antecederam, é a operação que, segundo Ricoeur (2003) burla a história e anula a duração para fazer dela o presente memorializado.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt – Modernidade Líquida . Rio de Janeiro. Zahar Editor.2001.
- BRASIL – Almanaque de Cultura Popular - Wisnik, José Miguel - Papo-Cabeça. TAM.
- BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia – Memória (res) sentimento. Campinas, Edit. Unicamp, 2001.
- Corrazza - Caminhos Investigativos.
- Costa, Emilia Viotti da – Da senzala à colônia : quarenta anos depois. IN, Ferreira, Antonio Celso e outros (organizadores) – O historiador e seu tempo.Sao Paulo, UNESP,2008.
- FONSECA,Thais N.de Lima e – História & Ensino de História.Belo Horizonte: Autentica,2003.
- Klein,Irene – La ficción de La memoria . La narración de historias de vida. Buenos Aires: Prometeo Libros,2008.

LUCINI, Marizete - Unicamp. 2007. Tese de doutorado.

MESQUITA, Ilka M. – Memórias/Identidades em relação ao Ensino e Formação de Professores de História : Diálogos com Fóruns Acadêmicos Nacionais. Unicamp. Tese de doutoramento. 2008.

ORTEGA, A. C. – Action Colectiva y Representacion de Intereses em Brasil. Córdoba – Esp., Universidad de Córdoba, 1995. Tese de doutorado.

RICOUER, Paul – A memória, a história, o esquecimento. Unicamp. Edit. Unicamp, 2007.

SCHMIDT, M.A. e CAINELLI, M.R. (orgs) – III Encontro: Perspectivas do Ensino de História. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

WILLIAMS, Raymond – Cultura. São Paulo. Paz e Terra. 2008.

Covered ways and others...it have to discover and cover

ABSTRACT

This article presents some considerations on the history of teaching of history, having as the focus of analysis the History Teaching Researchers Meetings and History Teaching Perspectives. When carrying out his task, we realized that the idea of constructing references to guide our epistemological object was among the objectives and themes of these events. We also dealt with the discussions and debates over the creation of the Brazilian Society for the Teaching of History.

Key-words: History teaching researchers - History of the teaching of history - Brazilian Society for the Teaching of History.